

# O ÚLTIMO PRESENTE



# O ÚLTIMO PRESENTE

ECCN | 12A | Natal de 2025

Todos os anos, um mês antes das férias de Natal, a diretora de turma falava sobre o espírito natalício, a magia do Natal e a solidariedade e a amizade que a época inspira. Reforçava os valores da quadra que, particularmente, adora, usando uma espampanante camisola de lã feita pela sua avó, com motivos alusivos à época, e orgulhosamente ostentando uns brincos com uma enorme renda dourada, adornada com pedras brilhantes, que luziam sempre que se movimentava pela sala de aula. A conversa começava de forma didática e terminava sempre com a proposta irrecusável de uma troca de presentes com o amigo secreto da turma.

Todos os anos, Januário receava o dia da proposta. Detestava o Natal, odiava receber presentes de quem não o conhecia verdadeiramente e temia o momento em que retiraria o mofoso bilhete do saco de cetim vermelho, repleto de guizos barulhentos, com o nome do amigo que certamente detestaria, já que nunca se sentiu verdadeiramente parte daquele grupo. Em anos anteriores, havia recebido uma colher de pau da colega com mais dificuldades financeiras, uma senha de refeição vegetariana do aluno mais ecológico e uma caneta estrelada cor-de-rosa com luz da miúda mais popular da escola. Todos os anos, oferecia ao amigo da sorte chocolates baratos, de marca branca, sem vestígios de Natal.

Este ano, Januário propôs ficar fora do sorteio do amigo secreto, mas a professora não gostou da ideia e repreendeu-o, falando dos valores do Natal e dizendo que todos têm de saber dar e receber. Januário, incomodado com a situação, foi para casa, onde encontrou a irmãzinha a ver um filme de Natal, cujo protagonista, Grinch, lhe parecia um alter ego. Aborrecido, pegou no comando da televisão para desligá-la, mas, de repente, deparou-se com um trecho do filme em que Grinch tenta estragar o Natal. Foi então que teve a ideia de arruinar a troca de prendas para que nunca mais houvesse amigo secreto na escola. Januário pegou no bloco de notas e na caneta que estavam dentro da gaveta da sala e correu para o quarto. Sentou-se à secretária e começou a escrever várias ideias para sabotar o Natal:

- 1. Colocar aranhas e minhocas nos presentes.*
- 2. Trocar os presentes por carvão.*

Outras ideias surgiram, umas atrás das outras. No entanto, enquanto escrevia a última ideia, *Assaltar a sala de professores, onde a diretora de turma guarda as prendas*, Januário reparou que a porta estava entreaberta. Dois grandes olhos espreitavam por detrás dela. Era a sua irmãzinha. Quando o viu, tentou esconder o bloco, mas ela já havia percebido o plano do irmão. Entrou devagar, com uma expressão séria de quem estava muito desiludida, e perguntou num sussurro carregado de espanto:

— Mano... tu queres mesmo estragar o Natal a toda a gente?

A pergunta ficou a ecoar no quarto, fazendo Januário, por breves momentos, sentir uma estranha pontada no peito, não de culpa, mas de dúvida. Em vez de responder, fechou o bloco de notas com um estalo seco e levantou-se da cadeira. Essa dúvida era apenas para reconfortar a irmã, com o objetivo de impedir que ela o travasse no seu plano de sabotagem. No silêncio da noite, debaixo dos lençóis, Januário planeava os seus próximos passos. Primeiro, respirou fundo. Depois, abriu o caderno escondido sob a almofada: páginas inteiras repletas de setas, riscos e pequenas anotações misteriosas. Era ali que guardava o que chamava, com orgulho secreto, o seu **Plano-Bomba**, não pela destruição real que causaria, mas porque, quando fosse revelado, iria fazer eclodir todas as expectativas da turma. No centro da página, desenhava-se a peça principal do plano: um mecanismo engenhoso de confusão. Januário pretendia trocar todas as prendas da turma, alterando a ordem que o sorteio havia ditado. A turma inteira ficaria em choque, perguntando-se como tal ataque poderia ter ocorrido de uma noite para a outra. Era um plano perfeito, na sua cabeça, a explosão seria um caos.

Na manhã seguinte, porém, algo parecia diferente. Enquanto atravessava o recreio, Januário reparou nos colegas, que conversavam animados sobre o Natal, as luzes e a troca de presentes. Por mais que tentasse afastar aquele sentimento, havia algo a borboletar dentro dele, como se uma pequena parte, mas teimosa, não quisesse estragar o que para os outros era um momento especial. Mesmo assim, continuou a andar, firme, lembrando-se do bloco de notas escondido na mochila e do plano que já quase não lhe saía da cabeça.

Na verdade, Januário não decidira sabotar o amigo secreto de forma súbita. A ideia formara-se lentamente, alimentada por uma sucessão de eventos que o levaram a sentir-se excluído pelos colegas de turma. Ao longo dos anos, a sua presença foi constantemente ignorada, era chamado apenas para completar grupos. Não seria um ritual sem sentido essa troca de presentes com um grupo de pessoas de quem ele não se sentia próximo? Não seria este ato simbólico um “fingimento de proximidade”, em que, na realidade, se acentuava a distância?

O ruído nos corredores distraiu-o desses pensamentos, permitindo que se concentrasse na execução do seu plano. Em passos largos, porém, silenciosos, esquivou-se até à sala de aula da turma, para onde já haviam sido movimentados os presentes, numa postura furtiva e sorrateira, acentuada pelo seu capuz negro enterrado até às orelhas. De repente, para seu espanto, ao entrar na sala, deparou-se com uma funcionária, que rapidamente o questionou sobre o que estava ali a fazer com aquele traje suspeito. Januário, apanhado de surpresa, improvisou e explicou que estava apenas a colocar a sua mochila na sala, para aproveitar os últimos minutos de intervalo. A funcionária observou-o por alguns segundos, desconfiada, enquanto o silêncio tomava conta da sala vazia. Januário sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha, com medo de que o seu plano engenhoso terminasse naquele instante. No entanto, após um suspiro cansado, ela acenou com a cabeça e saiu, avisando-o de que não se deveria demorar. Januário hesitou novamente. Valeria a pena interferir? Pensou nos risos da turma ao receber as prendas e nas prováveis expressões de desilusão dos seus colegas, caso tudo acabasse numa grande confusão. Respirou fundo, tentando acalmar esses pensamentos intrusivos. Depois de tantos planos, tinha de acontecer! Assim, com passos ainda mais cautelosos, aproximou-se do lugar onde tinha a sua mochila, decidido a não recuar. O tempo era pouco, o plano tinha de avançar antes que o intervalo acabasse e a turma regressasse à sala.

Preocupado com o tempo que lhe restava para trocar as últimas prendas e, como se avistasse um milagre ou um fantasma, deparou-se com uma caixa diferente das outras: grande, com um papel brilhante, um laço vermelho requintado e, na etiqueta decorada com marcadores, estava escrito o seu nome. Naquele instante, a criança (e quem sabe o espírito natalício) viu-se a refletir sobre o plano engendrado com minúcia e sobre os verdadeiros valores do Natal. Sentia-se sozinho e excluído e o seu único desejo era ser acolhido pelos colegas da turma. Ao ver aquela caixa, pensou que, finalmente, este ano, pudesse acontecer a mudança e que pelo menos alguém na turma quisesse ser seu amigo. Desesperado, tentou remediar o seu erro, mas já era tarde demais. O seu coraçãozinho começou a bater mais depressa quando ouviu o toque que marcava o final do intervalo e o início da aula seguinte. Todas aquelas prendas que ele já tinha trocado alinhadas refletiam o seu próprio sofrimento. Ao tentar magoar os outros, Januário estava a repetir o que mais odiava: ser ignorado e tratado sem cuidado ou carinho. Pela primeira vez, desde que iniciou a construção do seu avançado plano-bomba, não vibrou com o caos que estava prestes a criar, apenas um peso no peito e desilusão consigo próprio, pelas suas decisões agora reconhecidamente erradas. Como se cada prenda trocada fosse uma alavanca que, quando acionada, lhe trazia à lembrança todas as vezes em que se sentiu sozinho e invisível.

Era tarde demais. Todos os seus colegas de turma estavam a entrar na sala de aula, com largos sorrisos e expressões de puro entusiasmo no rosto, expectantes e ansiosos para começarem a tão esperada troca de presentes. Januário nada mais podia fazer, senão vislumbrar o caos e a decepção que estava prestes a tomar conta daquela turma, refletindo sobre as suas ações e concluindo que, depois do que estaria prestes a acontecer, jamais alguém quererá ser seu amigo. A professora, que também já se encontrava na sala de aula, ordenou que a turma se acalmasse com um sonoro **“HO-HO-HO”** e deu início à troca de presentes. Ergueu no ar, onde circulava uma música de Natal bem conhecida, uma caixa diferente das outras: grande, com um papel brilhante, um laço vermelho requintado e, na etiqueta de cartão

decorada com marcadores, estava escrito **JANUÁRIO**. Depressa o rapaz foi convidado a levantar-se e a vir receber o seu distinto pacote surpresa. Curioso e ansioso, esperando algo cruel, uma vez que não era apreciado pelos seus colegas, não tardou a abrir o pacote e a surpreender-se com o que vislumbrava bem à sua frente: um enorme caderno de capa azul, a cor que ele mais gostava, repleto de mensagens personalizadas e elogiosas ao seu carácter, escritas à mão! Página após página surgiam mensagens sinceras, honestas e amistosas, em caligrafias excelentes, más e satisfatórias, escritas com canetas de todas as cores, ilustradas com autocolantes e até desenhos personalizados.

*Desculpa nunca ter falado contigo!*

*Tens um estilo espetacular.*

*Gostava de ter o teu bom feitio.*

*Queria ser teu amigo.*

Entretanto, o seu amigo secreto revelou-se. Era um colega de turma de quem ele nem do nome se lembrava. Para Januário, aquele já não era um simples caderno ou presente, mas sim a prova viva de que ele era visto e notado, mesmo sem se aperceber. Foi esse misto de sensações que o levou a perceber que o vazio dentro dele não era resultado da ausência de ninguém, mas sim da culpa dele mesmo por erguer um “colete à prova de balas” à sua volta. Um sentimento de culpa apoderou-se dele e dos seus pensamentos, porque afinal de contas Januário havia trocado as prendas de todos os outros e, em breves instantes, os seus colegas iriam perceber o que aconteceu. Na sua cabeça, ecoavam palavras duras: «Assumo o meu erro! Consigo corrigir esta confusão?».

Por vezes, quem mais rejeita o Natal é quem mais precisa dele. Foi assim que Januário tomou consciência do efeito nefasto do seu plano e, num sobressalto irrefletido, pulou da cadeira. Todos olharam fixamente para Januário, e ele perdeu a coragem de assumir o seu erro, pois, afinal, ninguém iria descobrir que foi ele quem trocou os presentes. Afinal, nem todos na turma o odiavam e ele ainda se poderia integrar, que era o que agora realmente

queria, embora ainda fosse incapaz de o admitir, pelo menos em voz alta. Januário voltou a sentar-se pesadamente, como se a culpa que sentia o impedisse de se aguentar de pé. *Que comece a troca de presentes!*

O próximo aluno foi chamado pela professora, cumprindo a rotina da aula e a troca de presentes de cada Natal. André, um rapaz alto e magro, comparativamente aos restantes, que todos conheciam pelo seu talento prodigioso no futebol e pelo seu desgosto por tudo o que fosse cor-de-rosa, levantou-se com pinta. Como se o destino quisesse que Januário sentisse ainda mais culpa e agonia, a prenda trocada havia sido embrulhada num papel festivo daquela mesma cor. Ainda assim, André não prestou muita atenção, concentrando-se unicamente no conteúdo da caixa. Com uma atitude adequada de um jovem entusiasmado e prestes a desvendar um mistério, rasgou o papel de embrulho de uma só vez. Lá dentro, ainda aprisionada na sua embalagem original, estava uma bola de basquetebol. Todos esperaram pela sua reação. Alguns achavam que ele iria ficar aborrecido. Outros imaginavam que ele iria adotar um sorriso falso e agradecer a quem quer que lhe tivesse oferecido. No entanto, ninguém esperava a gargalhada que ecoou pela sala, saída de improviso da sua boca. Observando a sua reação, os colegas também começaram a rir e Januário, para passar despercebido e não desconfiarem que havia feito algo errado, viu-se obrigado a esboçar um pequeno sorriso. Na sua mente, um longo suspiro de alívio soltou-se silenciosamente. Um presente bem trocado! Pode ser que o resto do processo decorra da mesma forma, com sucesso. Apesar de acreditar no poder das suas orações, a vida não era tão simples.

No meio da risada, dois colegas de turma mantiveram-se sérios, quase apreensivos: Maria e Gervásio, quem ofereceu a prenda a André e quem fez o embrulho cor-de-rosa. Começaram a questionar-se sobre o que acabara de acontecer, pois Maria sabia que não tinha oferecido a André uma bola de basquetebol e Gervásio reparara que não havia mais nenhum embrulho deste tipo. Quando o momento de boa disposição terminou, ambos se

dirigiram rapidamente à professora, como crianças que vão fazer queixinhas a choramingar, e, com um tom audível que ressoou pela sala, reportaram a sua desconfiança sobre o sucedido. No mesmo momento, Januário ficou pálido como cal, enfiou novamente o cabeça e enterrou-se na mesa, com esperança de que ficasse invisível de um momento para o outro.

A professora, fitando os dois alunos e, em seguida, a sala inteira, analisou a expressão de todos que achava conhecer com as palmas das suas mãos. Quando fitou a forma contorcida do corpo magro de Januário quase sob a mesa, recebeu a resposta a todas as suas questões. No entanto, agora surgia uma nova dúvida. Porquê?

— Januário... pode fazer o favor de se dirigir até aqui?

Foram certamente estas as palavras que se ouviram em tom duro. Januário saltou da cadeira quando ouviu a professora e, com o olhar no chão e rubro da vergonha provocada pelos olhares dos seus colegas, caminhou até à secretária da professora, mantendo o silêncio de quem receava que a voz falhasse a qualquer momento.

— O menino tem alguma ideia de quem pode estar envolvido nesta confusão?

As palavras repetiram-se pelo ar e Januário ficou paralisado, desejando que o chão o engolisse naquele momento. Sabia que só tinha duas escolhas e que não iria gostar de nenhuma delas. Poderia afirmar desconhecimento sobre o caso ou tentar desviar a atenção para outro colega, mas sabia que já estava na mira de todos e que tal não iria melhorar a situação. Podia, mesmo que não quisesse, admitir a sua culpa e arriscar. Eventualmente, o pior seria todos o odiarem como antes e tudo voltar ao mesmo. Então, com o coração na boca e gotas de suor a descerem pelas roupas, ganhou coragem e admitiu a sua culpa. Ainda com os nervos à flor da pele, voltou-se para os colegas, que o encaravam com um olhar de frustração e, ao mesmo tempo, de incompreensão, e explicou os motivos que o levaram a fazer aquela troca de presentes.

— O motivo... o motivo... o motivo pelo qual eu decidi fazer esta partida foi o facto de não me sentir integrado... Eu sei que na época

do Natal temos de ter em consideração o espírito natalício, mas eu não consigo, pois sinto que ninguém aqui gosta de mim, nem quer ser meu amigo... Isto fez com que crescesse em mim um certo ódio ao Natal e que o quisesse estragar para que nenhum de vocês gozasse o momento em pleno... Ao receber o meu presente, senti que não estava tão sozinho como achava e que talvez não fosse verdadeiramente excluído por todos vós e que talvez também tenha sido eu a colocar-me nesta situação, mas, depois do que fiz, compreendo que já não queiram ser meus amigos.

Constança, a delegada de turma eleita por unanimidade e com o voto nulo do Januário, reconhecida por todos pelo seu bom senso, ponderação e sentido de justiça, tomou a palavra e falou por todos.

— Januário, todos nós compreendemos que tu te sintas mal com a forma como te temos tratado nos últimos anos. Confesso que nunca fomos muito solidários contigo, mas tens de compreender que nunca deixaste que nós nos aproximássemos ou que te conhecêssemos verdadeiramente. Aliás, hoje revelaste-te o amigo secreto mais divertido e que melhor cumpriu o seu papel, pois ninguém sabe o que lhe vai calhar em sorte, sendo esta troca de prendas a mais secreta de sempre.

Ao contrário do que era hábito, Constança voou da cadeira entusiasmada, correu pela sala em direção à secretária da professora, sem autorização superior, e abraçou Januário. Todos seguiram Constança, num longo abraço coletivo, que juntou alunos e diretora. A música de Natal voltou a ouvir-se alto e a bom som, com gargalhadas, sorrisos e muita alegria invadindo a sala.

No próximo Natal, um mês antes das férias, a diretora de turma falará novamente do espírito da época, da magia do Natal e da solidariedade e amizade que se impõem. Reforçará os valores de uma quadra que particularmente adora, usando uma espampanante camisola de lã feita pela sua avó com motivos alusivos à época e orgulhosamente empenhando uns brincos com uma enorme renadourada com pedras brilhantes, que luzirão sempre que se movimentar pela sala de aulas. A conversa começará sempre de

forma didática e terminará sempre com a proposta irrecusável de uma troca de presentes com um amigo secreto da turma. Januário já tem um plano para o próximo ano letivo, vai secretamente preparar ofertas personalizadas para cada um dos colegas da turma que vai conhecer melhor assim que janeiro voltar e as aulas recomeçarem. Do plano consta a oferta especial para a diretora de turma, uns brincos alusivos à época em formato de pinheiro de Natal repleto de pedras luzidias.

